

# Guia de Idéias para Ensino Fundamental I

## ***Da conquista do Brasil até agora: preconceito e miscigenação***

Escola Classe 02 da Candagolândia - Distrito Federal  
**Professora:** Janaina de Almeida Borba

### **Músicas**

#### **Lavagem Cerebral**

compositor: Gabriel O Pensador

Racismo preconceito e discriminação em geral  
É uma burrice coletiva sem explicação  
Afinal que justificativa você me dá para um povo que precisa de união  
Mas demonstra claramente  
Infelizmente  
Preconceitos mil  
De naturezas diferentes  
Mostrando que essa gente  
Essa gente do Brasil é muito burra  
E não enxerga um palmo a sua frente  
Porque se fosse inteligente esse povo já teria agido de forma mais  
consciente  
Eliminando da mente todo o preconceito  
E não agindo com a burrice estampada no peito  
A "elite" que devia dar um bom exemplo  
É a primeira a demonstrar esse tipo de sentimento  
Num complexo de superioridade infantil  
Ou justificando um sistema de relação servil  
E o povão vai como um bundão na onda do racismo e da discriminação  
Não tem a união e não vê a solução da questão  
Que por incrível que pareça está em nossas mãos  
Só precisamos de uma reformulação geral  
Uma espécie de lavagem cerebral

Não seja um imbecil  
Não seja um Paulo Francis  
Não se importe com a origem ou a cor do seu semelhante  
O quê que importa se ele é nordestino e você não?  
O quê que importa se ele é preto e você é branco?  
Aliás branco no Brasil é difícil porque no Brasil somos todos mestiços  
Se você discorda então olhe pra trás  
Olhe a nossa história  
Os nossos ancestrais  
O Brasil colonial não era igual a Portugal  
A raiz do meu país era multirracial  
Tinha índio, branco, amarelo, preto  
Nascemos da mistura então por que o preconceito?  
Barrigas cresceram  
O tempo passou...  
Nasceram os brasileiros cada um com a sua cor  
Uns com a pele clara outros mais escura  
Mas todos viemos da mesma mistura  
Então presta atenção nessa sua babaquice  
Pois como eu já disse racismo é burrice  
Dê à ignorância um ponto final:  
Faça uma lavagem cerebral

Negro e nordestino constroem seu chão  
Trabalhador da construção civil conhecido como peão  
No Brasil o mesmo negro que constrói o seu apartamento ou que lava o  
chão de uma delegacia  
É revistado e humilhado por um guarda nojento que ainda recebe o salário  
e o pão de cada dia graças ao negro ao nordestino e a todos nós.  
Pagamos homens que pensam que ser humilhado não dói  
O preconceito é uma coisa sem sentido  
Tire a burrice do peito e me dê ouvidos  
Me responda se você discriminaria  
Um sujeito com a cara do PC Farias  
Não você não faria isso não...  
Você aprendeu que o preto é ladrão  
Muitos negros roubam mas muitos são roubados  
E cuidado com esse branco aí parado do seu lado  
Porque se ele passa fome  
Sabe como é:  
Ele rouba e mata um homem  
Seja você ou seja o Pelé  
Você e o Pelé morreriam igual

Então que morra o preconceito e viva a união racial  
Quero ver com essa música você aprender e fazer  
A lavagem cerebral

O racismo é burrice mas o mais burro não é o racista  
É o que pensa que o racismo não existe  
O pior cego é o que não quer ver  
E o racismo está dentro de você  
Porque o racista na verdade é um tremendo babaca  
Que assimila os preconceitos porque tem cabeça fraca  
E desde sempre não pára pra pensar  
Nos conceitos que a sociedade insiste em lhe ensinar  
E de pai pra filho o racismo passa  
Em forma de piadas que teriam bem mais graça  
Se não fossem o retrato da nossa ignorância  
Transmitindo a discriminação desde a infância  
E o que as crianças aprendem brincando  
É nada mais nada menos do que a estupidez se propagando  
Qualquer tipo de racismo não se justifica  
Ninguém explica  
Precisamos da lavagem cerebral pra acabar com esse lixo que é uma  
herança cultural  
Todo mundo é racista mas não sabe a razão  
Então eu digo meu irmão  
Seja do povão ou da "elite"  
Não participe  
Pois como eu já disse racismo é burrice  
Como eu já disse racismo é burrice  
Como eu já disse racismo é burrice  
Como eu já disse racismo é burrice  
Como eu já disse racismo é burrice  
E se você é mais um burro  
Não me leve a mal  
É hora de fazer uma lavagem cerebral  
Mas isso é compromisso seu  
Eu nem vou me meter  
Quem vai lavar a sua mente não sou eu  
É você.

## **Tocando em Frente**

compositor: Almir Sater

Ando devagar porque já tive pressa  
e levo esse sorriso, porque já chorei demais.  
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe  
eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei, eu nada sei  
Conhecer as manhas e as manhãs,  
o sabor das massas e das maçãs,  
é preciso o amor pra poder pulsar,  
é preciso paz pra poder sorrir,  
é preciso a chuva para florir.  
Penso que cumprir a vida seja simplesmente,  
compreender a marcha, e ir tocando em frente,  
como um velho boiadeiro levando a boiada,  
eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou,  
de estrada eu sou.  
Todo mundo ama um dia todo mundo chora,  
Um dia a gente chega, no outro vai embora.  
Cada um de nós compõe a sua história,  
e cada ser em si, carrega o dom de ser capaz,  
e ser feliz.  
Ando devagar porque já tive pressa  
e levo esse sorriso porque já chorei demais.  
Cada um de nós compõe a sua história,  
Cada ser em si carrega o dom de ser feliz.

## **Poesia**

### **Romanceiro da Inconfidência / Da revelação do ouro**

autora: Cecília Meireles

(...)

Selvas, montanhas e rios  
Estão transidos de pasmo.  
É que avançam, terra a dentro,  
os homens alucinados.  
Levam guampas, levam cuias,  
levam flechas, levam arcos;  
atolam-se em lama negra,  
escorregam por penhascos,  
morrem de audácia e miséria,  
nesse temerário assalto,

ambiciosos e avarentos,  
abomináveis e bravos,  
para fortuitas riquezas  
– os olhos já sem clareza,  
– os lábios secos e amargos.

(...)

E atrás deles, filhos, netos,  
seguindo os antepassados,  
vêm deixar a sua vida,  
caindo no mesmos laços,  
perdidos na mesma sede,  
teimosos, desesperados,  
por minas de prata e de ouro  
curtindo destino ingrato,

(...)

Que a sede de ouro é sede sem cura,  
e, por ela subjugados,  
os homens matam-se e morrem,  
ficam mortos, mas não fartos.

(...).

## Filmes

### **Duelo de Titãs** (Remember the Titans)

EUA. 2000. Direção: Boaz Yakin. Elenco: Denzel Washington, Ryan Hurst, Gerry Bertie, Will Patton, Wood Harris Donald Adeosun, Craig Kirkwood, Ethan Suplee, Kip Pardue, Hayden Panettiere, Nicole Ari Parker, Kate Bosworth.

**Sinopse:** *Denzel Washington é um treinador de futebol americano contratado para trabalhar em uma escola de alunos brancos. Ele precisa conquistar o respeito de seus alunos e enfrentar o preconceito racial das pessoas que o cercam.*

## Reportagem

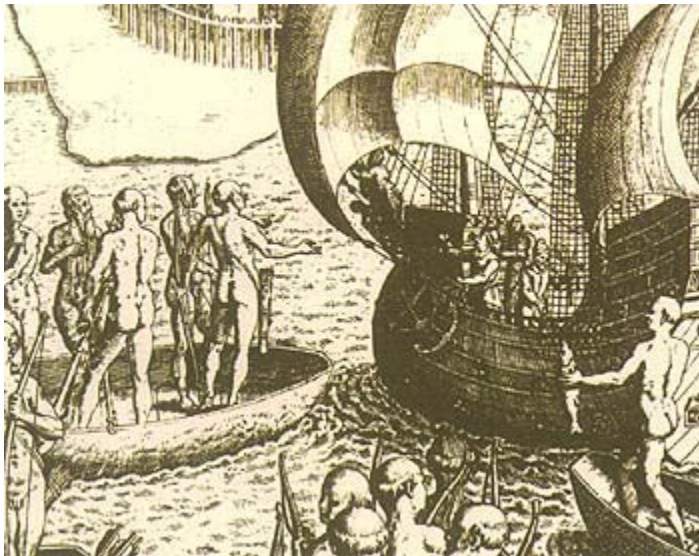
### **A outra história do descobrimento do Brasil**

Fonte: Revista Ciência Hoje das Crianças; edição 101. 2000.

Parece absurdo, mas é isso o que aprendemos na escola: os portugueses descobriram o Brasil, onde já viviam os índios. Ficamos tão acostumados a pensar assim, que não nos perguntamos como isso é possível. Os historiadores também não costumavam fazer essa pergunta. Sabiam que os índios viviam aqui antes da chegada de Cabral, mas falavam do descobrimento como se o Brasil fosse uma terra virgem. Será possível que um lugar já habitado possa ser virgem, isto é, intocado?

Bem, só se ele não for habitado por pessoas. Quando falamos em floresta virgem, por exemplo, não estamos dizendo que ela não é habitada por animais, mas, sim, que ela não foi alterada pelo homem. Quando afirmamos que "essas terras virgens foram descobertas por Cabral", estamos tratando seus habitantes originais, os índios, como se eles não fossem pessoas, mas, sim, parte da paisagem natural.

A palavra 'descobrimento', portanto, está no lugar de outro termo que não costumamos utilizar: 'conquista'. Na verdade, as terras que viriam a ser o território do Brasil não foram descobertas, mas conquistadas pelos portugueses aos povos indígenas.



Quando os europeus chegaram à costa brasileira, encontraram diversos grupos indígenas, cujos costumes e línguas eram muito parecidos. No conjunto, esses grupos ficaram conhecidos como Tupi-Guarani, embora possamos distinguir dois grandes blocos: os Tupi, que dominavam o litoral desde o sul do estado de São Paulo até, pelo menos, o Ceará; e os Guarani, que viviam mais ao sul, na bacia dos rios Paraná-Paraguai e em nossa costa meridional.

Não se deve pensar, porém, que os Tupi e os Guarani formavam, cada qual, uma grande nação. Ao contrário, eles estavam divididos em diferentes grupos, geralmente inimigos entre si. E os europeus souberam bem se aproveitar das brigas internas dos Tupi-Guarani, unindo-se a alguns grupos para atacar outros. A aliança entre brancos e índios dava-se pela oferta de presentes (como machados de metal, facas, espelhos, tecidos trocados por farinha, caça, filhotes de animais e madeira), pela participação comum em atividades de guerra e pelo casamento de índias com brancos.

Muitas vezes, os conquistadores estimulavam a inimizade entre os índios para dominar o território com mais facilidade. Mesmo quando os Tupi conseguiam reunir um número considerável de aldeias para atacar áreas sob domínio português, tinham de enfrentar índios fiéis aos colonizadores. Assim, embora fossem maioria, os índios acabaram sendo derrotados.

Não foi só como parceiros na guerra e na troca que os europeus encontraram um lugar no mundo indígena. Talvez porque chegassem pelo mar, em grandes navios, trazendo objetos desconhecidos, como armas de fogo e ferramentas de metal, os Tupi associaram os europeus a seus grandes pajés, que andavam de aldeia em aldeia, curando, profetizando e falando de uma terra de abundância. Esses pajés eram chamados pelos Tupi de Caraíba e os europeus ficaram conhecidos por esse nome. Até hoje, muitos grupos indígenas chamam os não-índios de Caraíba.

Os jesuítas - padres enviados ao Brasil com a missão de convencer os índios a se tornarem católicos - aproveitaram-se dessa associação do europeu com os grandes pajés nativos, para facilitar seu trabalho. O discurso e as práticas dos padres, como José de Anchieta, concorriam com os dos pajés. Muitos grupos indígenas foram convencidos a abrigar-se nos aldeamentos jesuítas sob a proteção espiritual dos missionários. Outros fugiram para o interior, para escapar tanto dos padres como dos soldados portugueses.

Esse medo tinha razão de existir. Alguns autores estimam que havia cerca de um milhão de índios na costa brasileira, em 1500. Um século depois, essa população havia praticamente desaparecido. A maior parte morreu nas guerras de conquista, por maus-tratos e pelas doenças trazidas pelos conquistadores.

### *O despovoamento do Brasil*

Nem todos os habitantes da costa morreram. Muitos fugiram para o interior; este, porém, já estava povoado. Tanto a Amazônia, como o Brasil Central estavam ocupados por diversos grupos indígenas, a maioria deles com costumes e línguas muito diferentes dos Tupi. Essa fuga para o interior provocou uma reação em cadeia (como quando derrubamos peças de dominó enfileiradas). Ao invadir os territórios de outros povos, os Tupi do litoral causavam novas guerras e transmitiam as novas doenças adquiridas no contato com os europeus.

Os portugueses, por sua vez, passaram a buscar escravos cada vez mais longe da costa. As famosas bandeiras paulistas e os bandeirantes são os representantes mais conhecidos desse processo de colonização violenta do interior, que levou não ao povoamento do Brasil, como se costuma dizer, mas a seu despovoamento, matando e escravizando dezenas de milhares de índios.

Entre 1580 e 1640, as expedições paulistas concentraram-se na captura dos Guarani - que viviam no interior dos atuais estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul - para forçá-los a trabalhar na lavoura. Com o esgotamento dessa fonte de mão-de-obra, os paulistas voltaram-se para a região dos rios Araguaia e Tocantins, que já vinham explorando irregularmente desde o começo daquele século.

As mortes causadas pelas doenças serviam de combustível às expedições de escravização. Criava-se um círculo vicioso: a falta de mão-de-obra indígena nas imediações das vilas aumentava as ações de escravização no interior; a escravização expunha cada vez mais as populações indígenas às epidemias; com as epidemias, tornava-se necessário a realização de novas expedições no interior. Foi assim que o Brasil foi sendo despovoado. Ali, onde havia uma população indígena



numerosa, foram-se criando vazios populacionais, territórios livres para serem ocupados pelos colonizadores.

Mas não pense que isto tudo é passado. Ainda hoje, os cerca de 300 mil índios vivendo no Brasil têm de lutar para garantir a posse de suas terras contra a invasão de madeireiros, fazendeiros e garimpeiros - estes colonizadores dos nossos dias, que descobriram novos métodos para retirar os índios de suas terras e as riquezas que nelas existem.

## Reportagem

### A turma reage aos ditos racistas

Fonte: Nova Escola; março de 1999

A professora Maria Zilá acredita que o preconceito contra negros é um mal que deve ser enfrentado de frente, sem papas na língua. Sobretudo no seu aspecto mais odioso, que são as piadas e ditos racistas. No ano passado, ela pediu para que seus alunos fizessem uma crítica à expressão: "Branco correndo é atleta, negro correndo é ladrão".

Além de discutir a falsa associação entre cor, pobreza e criminalidade, os alunos produziram um cartaz com a imagem de atletas negros ganhando medalhas e, do outro lado, fotos do ex-presidente Fernando Collor e de Paulo César Farias (tesoureiro de campanha de Collor, morto em 1996), ambos brancos e acusados de corrupção. "Ali havia negros dignos e brancos safados", explica Maria Zilá.

A professora promove uma ação que, acredita, tem o poder de revigorar a fantasia das crianças negras. Trata-se de um desfile de bonecas negras. "As bonecas disponíveis são todas brancas, loiras e de olhos azuis", constata. "Como as meninas vão fazer de conta que elas são suas filhas?"

Bonecas e bonecos negros são difíceis de encontrar. Em uma viagem a Miami (EUA), Maria Zilá procurou-os nas lojas. "Não havia grande coisa", desdenha. "As indústrias de lá também não perceberam ainda a importância do assunto".

## Bibliografia

Obra poética; *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro, Aguillar, 1958. p. 657-8.

A Outra História do Descobrimento do Brasil. *Ciência Hoje das Crianças*. Rio de Janeiro: v.101, p.17 - 19, 2000.

A turma reage aos ditos racistas. *Revista Nova Escola*. Editora Abril, Março de 1999.

MACHADO, Ana Maria. *Menina Bonita do Laço de Fita*. Ática, 1999. *Sociologia da Negritude*, 70ª ed., 1975, p. 100:101.

